

Cidades.

**Bebê cai
no chão
em parto**

A mãe de uma recém-nascida afirma que os médicos deixaram a criança cair no chão, no Hospital Municipal de Cobilândia, em Vila Velha.
Página 9

EDITORA:
CINTIA ALVES
calves@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
gazeta.com.br/cidades
gazetacidades

RETRATO DE FAMÍLIA MAIS UNIÕES INFORMAIS E MENOS FILHOS

Censo mostra como o “viver junto” do brasileiro mudou

/// DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redgazeta.com.br

/// CLÁUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

Casais sem filhos, pessoas que se casam e se divorciam e depois se casam novamente e ainda uniões informais, sem registro civil ou religioso, são opções de novos arranjos familiares que tiveram destaque no Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O número de casais capixabas sem filhos passou, em dez anos, de 13,7% para 21,6%. A maior participação da mulher no mercado de trabalho e as baixas taxas de fecundidade e envelhecimento influenciaram esse aumento, segundo análise do instituto.

Famílias formadas por homens e mulheres que passam a viver juntos levando para essa nova união filhos de relacionamentos anteriores também constituem novos modelos familiares que já não causam mais estranheza nas pessoas, diz a psicóloga Adriana Müller.

Ela lembra que, no passado, era mais comum observar o que se define como rearranjo familiar com viúvos ou viúvas que recasavam. O fato de as pessoas se casarem com quem escolhem tem relação também com o fim dos relacionamentos. “Quando o amor acaba, os casais se separam e buscam outros parceiros objetivando a felicidade. Homens e mulheres optam por ficar juntos enquanto há amor, parceria, diferentemente do que acontecia no passado”, diz ela.



GABRIEL LORDÉLLO

Opção de investir, primeiramente, na carreira
Casados há dois anos, os designers Maria Martins Nery, 29, e Glauco Gomes, 29, vão investir na profissão antes de aumentar a família.

“Buscamos estabilidade financeira e não temos pressa. Meu objetivo agora é fazer um mestrado. Filho exige dedicação exclusiva, pelo menos no primeiro ano de vida”.

MARIA MARTINS NERY
29 anos, designer

Estado: 1.217 casados com alguém do mesmo sexo

■ No Brasil há 60 mil casais homossexuais que vivem juntos, sendo que o Sudeste concentra 52,6% dessas uniões homoafetivas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que no Espírito Santo há 1.217 pessoas casadas com outras do mesmo sexo.

A maior faixa etária em que isso acontece é entre

30 e 34 anos: 283 pessoas declararam-se gays. Na faixa etária de 15 a 19 anos, foram 67; e entre os que têm mais de 50 anos, esse número chega a 34.

Essa foi a primeira vez que o IBGE pesquisou o número de casais homossexuais que dividem uma residência. Do total de entrevistados morando com pessoa do mesmo sexo,

26% têm ensino superior; e quase metade (47,4%) é católica, sendo que 25,8% declararam não ter religião. Entre os casais heterossexuais que vivem em união consensual, a maioria não tem religião.

A distribuição por sexo das pessoas em uniões homossexuais no Brasil mostrou que 53,8% delas são entre mulheres e 46,2%

entre homens. A maioria das uniões homossexuais – 99,6% – não é formalizada (com registro civil ou religioso).

O número de casais corresponde ao total de domicílios onde os próprios moradores declararam viver uma união consensual desse tipo e equivale a 0,1% do total de moradias do país.

Essa constatação certamente reforça outro ponto destacado pelo Censo: entre 2000 e 2010, subiu de 28,6% para 36,4% o percentual de uniões estáveis (sem “papel passado”) no país. O mesmo crescimento pode ser observado no Espírito Santo. As uniões consensuais já representam quase um terço dos casamentos, subindo de 25,9% para 30,8%.

PARCEIROS IGUAIS

E, ainda em relação às uniões – incluindo os casamentos formais –, o Censo revela outro dado interessante: o fato de 69,3% dos brasileiros escolherem parceiros da mesma cor ou raça. O percentual entre 2000 e 2010 cresceu de 69,3% para 70,9%. Segundo o IBGE, esse comportamento foi mais forte entre brancos (74,5%), pardos (68,5) e indígenas (65%).

Já entre os pretos (45,1%), destaca-se o fato de os homens terem escolhidos mulheres pretas em menor índice dos que as mulheres pretas em relação a homens de mesmo grupo: 39,9% e 50,3%, respectivamente.

Mas as semelhanças vão muito além do aspecto físico. “Para viver juntas, as pessoas precisam ter objetivos comuns. Tem mais chance de dar certo o casal que é mais ou menos semelhante. Até na religião é importante, senão pode virar fonte de conflitos”, diz a psicóloga Zenaide Monteiro.